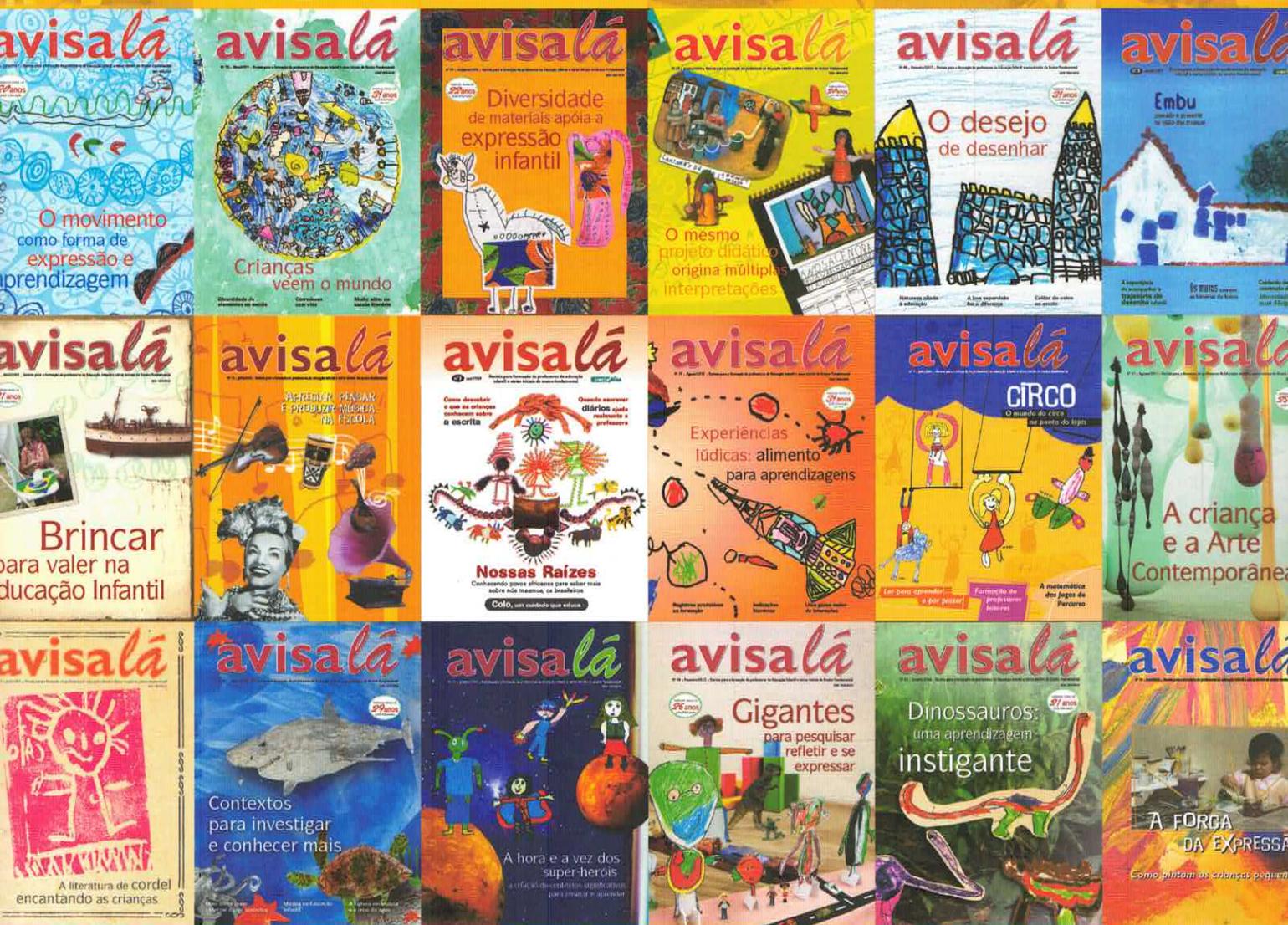


avisa lá

Nº 72 ■ Novembro/2017 ■ Revista para a formação de professores de Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental

ISSN 1806-8340

Instituto Avisa Lá
31 anos
pela Educação
1986 - 2017



Uma revista e suas concepções

Gestão e protagonismo infantil

Portfólio da formação

Liberdade para criar

Compartilhar experiências em

Desenhar e escrever com propósito social

O que dizem as paredes das escolas



Republicação

DE ACORDO COM O REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL¹, A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO FÍSICO, OS MATERIAIS, BRINQUEDOS, INSTRUMENTOS SONOROS E O MOBILIÁRIO NÃO DEVEM SER VISTOS COMO ELEMENTOS PASSIVOS, MAS COMO COMPONENTES ATIVOS DO PROCESSO EDUCACIONAL. O ESPAÇO FÍSICO DAS INSTITUIÇÕES SEMPRE REFLETE OS VALORES QUE ELAS ADOTAM E SÃO MARCAS SUGESTIVAS DO PROJETO EDUCATIVO EM CURSO

Ao dar uma volta em qualquer bairro de uma cidade brasileira é quase impossível não se deparar com muros cobertos de pinturas que retratam guloseimas coloridas, Minnies, Mickeys, dâlmatas, ursos, patos, pássaros pintados de maneiras estereotipadas, com cores chamativas, anunciando que naquele imóvel funciona uma escola de educação infantil. Muitos adultos que atuam nesse nível de ensino acreditam que as crianças pequenas vão se sentir atraídas por essas imagens. Consideram também que seus pais ficarão satisfeitos com o indício, transmitido pelos desenhos, de que a escola tem uma proposta direcionada aos pequenos. O que se esconde por detrás dessas escolhas e desses muros?

A escritora Fanny Abramovich, no livro *Quem Educa Quem?*, dedica um capítulo especial ao visual das escolas, onde entrevista Madalena Freire e o artista plástico Valdir Sarubbi. Para os três, o jeito como são decoradas as escolas revela muito sobre as concepções das pessoas envolvidas. “Entrando em salas de aula de escolinhas e escolonas, em geral, toma-se o maior susto. Uma olhada e já se percebe qual é a proposta da escola, como a professora encaminha o processo

¹ Publicado pelo Ministério da Educação em 1998.



educacional, quais os valores em jogo...”. Isso acontece porque a estruturação do espaço, a forma como os materiais estão organizados, sua qualidade e adequação constituem elementos essenciais de um projeto educativo.

Um espaço para a criança

Madalena Freire, no livro acima citado, diz: “Se o espaço é fechado (referindo-se ao fato de que as paredes estão decoradas por adultos), faz com que você perca a sua identidade (o que acontece até com adultos). As escolas que estão lá com o Mickey, a Mônica, estão refletindo que estão mortas, que a sua ação é a de um cemitério...”, acrescenta.

Sobre salas decoradas com esse tipo de personagem, o artista plástico e educador Valdir Sarubbi é mais enfático e declara a Fanny: “... O problema deste tipo de desenho é que é estereotipado, enjoado, batido... É sempre o mesmo traço, sem movimento algum, mesmo no cinema parece que os personagens não se mexem. É um traço duro, consumidor, sem novidade alguma... É como se fosse uma garrafa de Coca-Cola, sempre igualzinha, que não vai mudar nunca! E o pior é continuar impingindo isso para a criança, que não nutre nenhuma afetividade especial pelo Pato Donald, que preferiria um desenho que tivesse a ver com ela... É exatamente como se faz com a música de rádio, obrigando ao consumo, ao condicionamento, por insistência, para fabricar um ídolo e não para suscitar prazer ou chegar ao ouvinte pelo nível afetivo...”

A crítica às paredes povoadas pelo mundo Disney é reforçada pela decoradora Vera Fraga Leslie. Formada em Comunicação Social e pós-graduada em História das Mentalidades, ela é autora de Lugar-Comum, “Auto-Ajuda” de Decoração e Estilo. No texto leve e bem-humorado, Vera instiga o pensamento crítico, afirma que nos quartos infantis impera a “disneylização” da infância e sugere: “Deixe as fadas e os super-heróis na televisão, fora do quarto.” Isso também vale para as instituições. Em

entrevista a *avisa lá*, ela diz que “isso leva a um comportamento massificado, e é esteticamente feio. A possibilidade de uma criança estabelecer relações entre o que pensa e as imagens que vê fica comprometida”.

Há imagens, assim como textos, canções e muitas outras manifestações culturais, que pela qualidade estética possibilitam às pessoas estabelecer múltiplas e diferentes relações; outras, ao contrário, limitam e fecham. Por esse motivo, a educação precisa examinar com atenção a qualidade dos produtos culturais que oferece cotidianamente para as crianças.

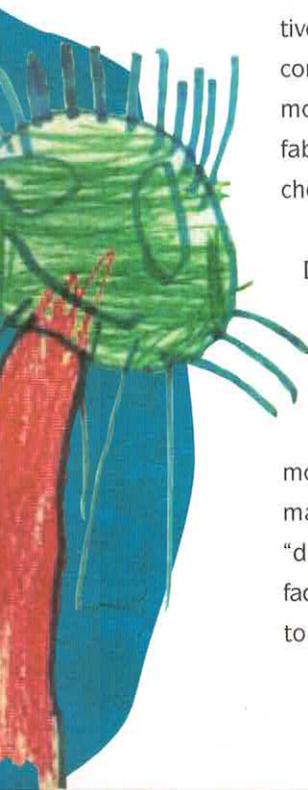
Gosto se discute

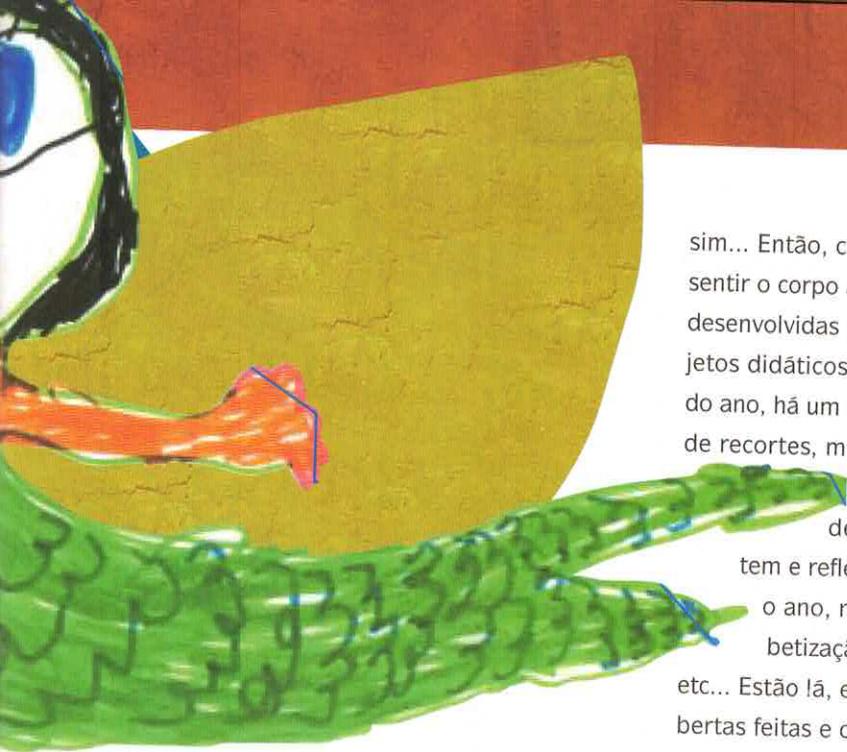
Mas, afinal, isso não é apenas uma questão de gosto? E não está estabelecido que gosto não se discute? Vera diz o contrário: “Cada um tem seu conceito de beleza e almeja o belo, mas gosto se discute, sim, assim como cada um aprende a formar um arquivo de imagens e um repertório crítico.” Ela lembra que as imagens e os objetos falam, e é daí que vêm sua magia e perigo.

Quando temos nas paredes apenas um único modelo perpetuado em um desenho sem qualidade, fica difícil para a criança iniciar seu processo de “alfabetização visual”, no qual teria que incorporar a possibilidade de crítica ao objeto: “Na falta de uma gramática e de uma sintaxe das imagens que nos dêem a segurança para interpretar e criar, temos que desenvolver a percepção em vez de aceitar, passivamente, a invasão e a saturação de nossas retinas. Ter consciência de que nenhuma imagem é inocente e natural é a primeira etapa para se manter o olho vivo e lidar com as implicações e limitações de ordem cultural, política e social que se escondem em qualquer estética visual”.

Decoração das paredes

Se não vamos decorar de antemão todas as

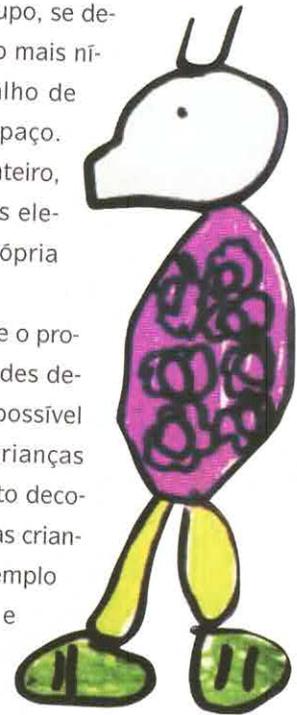




sim... Então, começamos a habitar esse espaço, sentir o corpo atuando nele..” Após as atividades desenvolvidas pelas crianças em função dos projetos didáticos, Madalena conclui: “E aí, no final do ano, há um céu no teto, todo pintado ou cheio de recortes, mil coisas... Um vão minúsculo, na parede, foi descoberto, e está lá demonstrado, apontado... A sala tem e reflete tudo o que aconteceu durante o ano, nas aulas de matemática, de alfabetização, de informação sobre planetas etc... Estão lá, em destaque, o quadro das descobertas feitas e o quadro das dúvidas levantadas, porque conhecer não é só saber... É duvidar! Desta relação, que é de vida, é que vai se criando e se habitando esse espaço!”

Valdir Sarubbi reforça: “Importante, e muito, é que a sala de aula esteja nua... Se possível, a parede só caiada... Então, quando se transa um trabalho que foi importante para o grupo, se pendura e ele aparece de modo muito mais nítido... Não importa se for um trabalho de desenho ou uma construção no espaço. Fundamental é que ele se coloca por inteiro, sem nenhuma interferência de outros elementos de fora, que atrapalham a própria visão do que foi feito, conseguido...”

A proposta desses educadores é que o projeto arquitetônico, os móveis, as paredes devam se constituir no melhor suporte possível para fazer emergir a expressão das crianças que ocupam o espaço. Jamais um efeito decorativo onde o visual sobrepuja a ação das crianças. Na próxima matéria conheça o exemplo de uma escola onde o espaço acolhe e favorece as experiências e manifestações infantis. ●



paredes da escola de educação infantil, quais seriam as alternativas? Segundo Vera, o importante é permitir um movimento vivo e construído pelas próprias crianças, em vez de fixar determinados personagens ou imagens nas paredes. A instituição pode se transformar num espaço lúdico, onde todas as condições de segurança estão presentes, mas existe a liberdade para o jeito especial das crianças criarem. Portanto, quanto mais claras, limpas e luminosas forem as paredes, melhor. O colorido virá aos poucos, num movimento permanente, que mostra a alma da instituição e do trabalho desenvolvido por seus educadores, por meio da produção das crianças. É preciso abrir, literalmente e metaforicamente, as janelas para expandir os horizontes do pensamento.

Ainda é Madalena Freire, na entrevista à Fanny, que sugere um caminho parecido “Quando as crianças, no início do ano, entram na sua sala de aula as paredes estão totalmente brancas... não há nada dependurado nelas, não existe nenhum material exposto, apenas o essencial para uma organização mínima: bancos e coisas as-

PARA SABER MAIS

- Textos
- *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, Volume 1.* Secretaria de Educação Fundamental – Brasília MEC / SEF, 1998.
 - *Quem educa quem?* Fanny Abramovich. Summus. Tel.: (11) 3872-3322. Site www.gruposummus.com.br.
 - *As cem linguagens da criança.* Carolyn Edwards, Lella Gandini e George Forman. Edição Artmed. Tel.: (11) 3062-3757.



MOBILIZAÇÃO OCUPAÇÃO CRIANÇA

Um ano de mobilização! 135 inscritos e 9 práticas selecionadas!

A Mobilização buscou e achou práticas que valorizam o protagonismo infantil nas seguintes categorias:

1: Como favorecemos o protagonismo infantil

Remete aos trabalhos realizados por gestores e coordenadores que diagnosticaram e planejaram espaços, materiais e atividades que potencializam o protagonismo e as manifestações infantis em suas escolas.

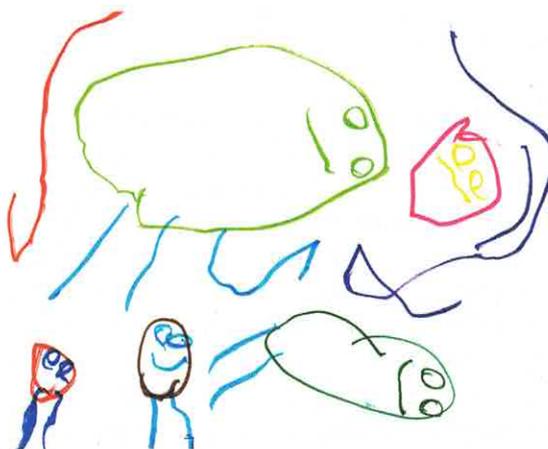
2: Formando para a mudança

Aqui, o destaque são as ações formativas que conseguem alterar concepções tradicionais de criança, ensino e aprendizagem, promovendo novas práticas educativas. A descrição do processo pode comportar as idas e vindas em direção a uma meta de valorização das manifestações infantis.

Professores

1: Passei a ouvir, observar e conhecer mais as crianças

Envolve propostas de professores que modificaram sua prática a partir da observação e da criação de espaços de escuta das crianças em diferentes situações. Aqui, enquadram-se trabalhos que demonstrem os modos de conhecer das crianças, suas escritas, os raciocínios utilizados



Ocupação Criança

Para reconhecer as manifestações infantis

na resolução de problemas, os enredos e atitudes durante o jogo simbólico, além de diálogos nas rodas de conversa, entre outros.

2: Passei a valorizar e expor as produções infantis

Engloba propostas de professores que modificaram sua prática, apresentando como antes "enfeitavam" os espaços com produções de origem da indústria cultural, artigos comprados ou feitos por eles e como depois passaram a dar visibilidade aos fazeres e saberes das crianças.

Entre no site <http://ocupacaocrianca.avisala.org/> e confira!



MINHAS DUAS AVÓS

O livro conta a história de duas avós que vivem juntas na Casa das Formigas. A partir de sua experiência pessoal e com ilustrações de dois de seus netos, a autora e artista Ana Teixeira criou um universo de pequenos casos do cotidiano de forma lúdica e com lindas imagens, tratando com sensibilidade e delicadeza de uma das novas relações afetivas de nossos dias.

Além do livro impresso, há também uma versão digital pela Editora Estratosfera (www.editoraestratosfera.com). Editora Pólen Livros – polenlivros.lojavirtualnuvem.com.br/